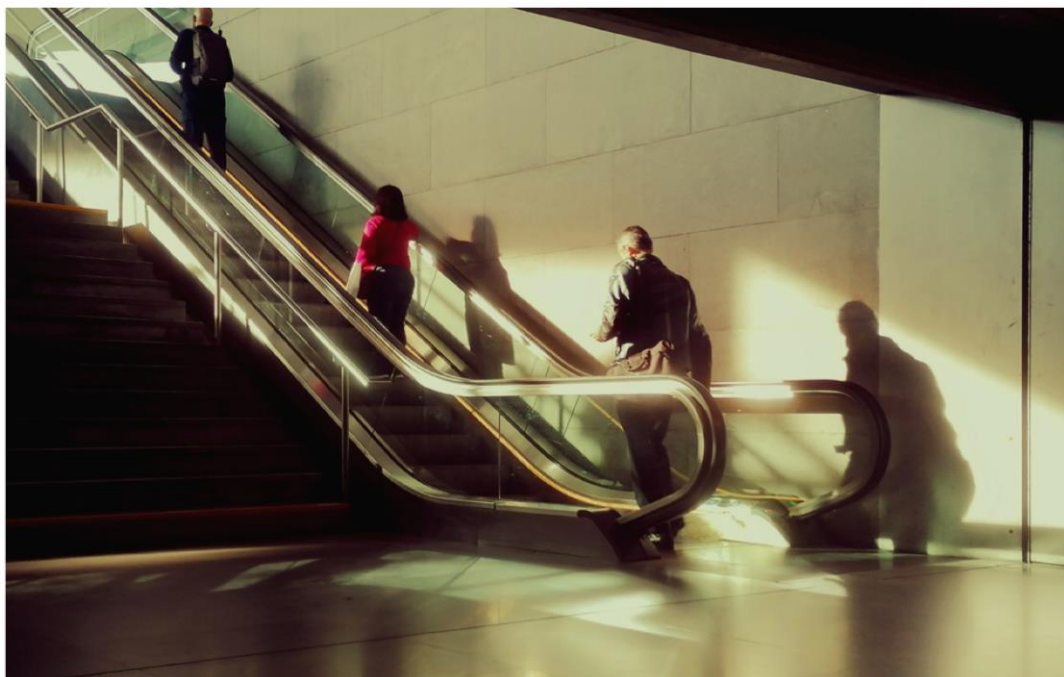


ALUNOS DE ESCRITA ACTIVA



Círculos à minha volta

EDIÇÕES USFE
2021

Círculos à minha volta

Alunos de Escrita Activa

Editado por Universidade Sénior Florbela Espanca
www.usflorbelaespanca.org

Foto de capa
Vítor Rocha

Círculos à minha volta

Peças que encaixam

Fernanda barbosa

4

Que não me falte nunca mais

Isabel Iago

5

Sem emaranhados nem fios quebrados

Margarida Marques

7

Até amanhã...

Vítor Rocha

8

Peças que encaixam

Fernanda Barbosa

A vida é um verdadeiro “motor” que só funciona em pleno quando todas as peças se encaixam. E que peças?

- Família

- Amigos

- Colaboradores

Na família, a prioridade são os filhos e netos porque são eles a razão do meu viver e são eles que estão sempre ao meu lado em todas as ocasiões. Dos restantes, alguns respondem à chamada, mesmo sem qualquer pedido de ajuda e outros, só quando são solicitados...

Os amigos, uns mais que outros, são essenciais. É nos momentos menos bons que a sua presença mais se faz notar ainda que, por vezes, também se apanhem desilusões....

Os colaboradores... são tantos! Qualquer um deles cumprem as suas funções ainda que alguns com mais empenho que outros. De qualquer modo, eles são um esteio para que tudo funcione. Neste círculo destaco a minha funcionária que é mais família que muitos familiares. É amiga, irmã, enfermeira, tudo que uma pessoa pode desejar!

Que não me falte nunca mais

Isabel Lago

Nos primeiros dias da pandemia fiquei expectante mas não propriamente assustada talvez porque, apesar de ser um momento estranho para todos que a atravessaram, o termo "pandemia" já não era uma novidade para mim. A minha avó materna morreu na pandemia de 1919 que ficou conhecida como "gripe espanhola" e a minha mãe falava muitas vezes de como a minha avó morreu, juntamente com 3 filhos, deixando os restantes 6 para o meu avô criar.

Tive a oportunidade de conhecer bem o meu avô porque num período de doença pulmonar que tive por volta dos 7 anos, fui "despachada" para casa dele para apanhar "ar do campo". Fiquei ao cuidado do meu avô e da minha nova avó, com quem ele teve de se casar em segundas núpcias, logo após a morte da primeira mulher, para ter quem o ajudasse a criar os filhos. Do segundo casamento nasceram mais 3 filhos. Estive lá cerca de 2 anos, com visitas regulares dos meus pais ao domingo e recordo esse tempo como um dos melhores da minha vida: tinha liberdade, ar puro, um avô que me ensinou a natureza e a minha avó "postiça" que me chamava menina e me tratou sempre muito bem.

Na segunda parte da pandemia, para mim, as coisas foram para esquecer com várias perdas familiares, sem que nenhuma fosse devido à COVID-19. O meu marido foi internado com um AVC na véspera de Natal de 2020. Devido às regras impostas pela pandemia não mais o vimos. Faleceu, graças a Deus, no final de Agosto de 2021. Na Passagem de Ano faleceu o outro avô das minhas netas e, em seguida, o pai delas.

Fiquei só mas não sozinha. As filhas foram mais que minhas mães e superaram-se no apoio à "velhota da casa": mudaram a casa toda para eu esquecer o passado e plantaram-me um relvado no jardim para eu apanhar sol (que bem tenho aproveitado).

Cortei o meu cordão umbilical e passei a ser uma espécie de filha delas. Foi uma mudança radical na minha vida e uma adaptação que nem sempre é muito fácil... Apesar da ajuda, que foi enorme, elas têm as suas vidas e voltaram para suas casas, o que fez com que a solidão fosse mais solidão novamente. Com mais tempo livre só para mim, foi o momento de olhar para a casa e para a minha vida de outra forma e aprender a ver ambas as coisas com outros olhos. Dediquei-me a valorizar uma espécie de nova companhia que à partida acho que nem tinha percebido que estava ali, tão perto de mim: a minha casa, pela primeira vez toda só para mim, carecendo de mil ajustes e atenções.

A situação obrigou-me a fazer marcha atrás na minha vida através dos achados que me foram aparecendo: brinquedos abandonados pelas filhas em caixotes e de que me

esquecera, roupas que já não me servem mas que me acompanharam ao longo dos anos, vários objectos dos meus pais, algumas lembranças dos meus tempos de criança e livros, muitos livros. Passei então a ver a casa com outros olhos e, talvez por estar só, fui-me atando mais a ela...

Ainda assim, a solidão continuava muito silenciosa. Faltavam-me os sons das vozes que me eram habituais e o silêncio começava a assustar-me. Confesso as minhas lágrimas e um cansaço enorme até que, num desses dias de baixo astral, me veio à memória que numa das minhas doenças infantis, para me entreter, o meu pai me deu um pequeno rádio para eu me entreter. Aqui estava a chave para acabar a minha solidão e embora já não ande de rádio na mão, como em criança, encontrei espalhados por toda a casa vários aparelhos acústicos. Do rádio à TV, ganhei uma companhia muito especial: a música, que veio desanuviar e encher o meu espaço e se tornou uma companhia fiel, devolvendo-me a normalidade que a pandemia me roubara. E fiquei em paz.

Ainda assim, o que mais me marcou nesta Pandemia foi a Saudade, não de ninguém em especial mas de toda a gente. E desde que a possibilidade de encontros presenciais reapareceu, o que sempre peço aos meus amigos é um abraço. Mesmo que apenas em forma de cotovelada, o cotovelo é a peça chave do abraço.

Neste período tão conturbado da minha vida, aquilo de que mais falta me fez foi o calor de um abraço amigo.

Que não me falte nunca mais...

Sem emaranhados nem fios quebrados

Margarida Marques

Círculos à minha volta!

Confesso que nunca tinha pensado que à minha volta pudessem existir círculos. Mas na realidade há vários.

Estou envolvida por fios condutores invisíveis, que formam vários círculos, que se dobram, se deformam, às vezes se tocam e muitas vezes são difíceis de colocar numa posição correcta e confortável.

São vários, mas para se manterem sem quebras, é preciso tratar todos com doçura de olhar, delicados gestos de carinho, palavras simples mas assertivas e sobretudo muita compreensão e amor.

Por vezes há lágrimas que lavam a alma e o rosto; e nós bem difíceis de desatar.

Mas o coração bate mais rápido, mais forte, porque a maior alegria é sentir que se conseguiu que não existissem emaranhados nem que os fios se quebrassem.

Círculos às vezes frágeis, mas intactos.

Difícil, mas não impossível!

Até amanhã...

Vítor Rocha

Circular é preciso.

Além de preciso, é necessário. Ativa a circulação sanguínea, irriga o cérebro, ativa a mente, a memória e melhora o humor.

Dias de memórias com gente. Há sempre alguém que nos diz:

- "Bom dia, boa tarde, boa noite".

Dias preenchidos: apesar dos abraços perdidos e dos sorrisos escondidos, estamos vivos, saudáveis e ainda circulamos nos dias da vida, no tempo e no espaço.

Circular é viver!

Saudamos a amizade. Saudamos um filho, mesmo que às vezes não o compreendamos ou ele não nos compreenda a nós. Às vezes basta estar presente. Saudamos um amigo que está lá para nos ouvir quando precisamos, seja de dia ou fora de horas, noite adentro. Saudamos o empregado do supermercado e reconhecendo o seu trabalho, pensamos: - "Quão bom é estar reformado!"

As maleitas curam-se. Para isso há o médico de família, que já nos conhece de cor, e nos diz: "Está aí um jovem!" mas nos receita umas vitaminazitas, umas pomadas, e uns xaropes. A tosse é tramada.

Já para não falar no farmacêutico que se oferece para nos medir a tensão, e ainda nos faz um desconto de dez por cento na facturação.

Voltamos a casa. Circulando em linha reta por passeios empedrados, onde fazemos malabarismos, para não escorregar. Mas se tal acontecer, um jovem aluno de passagem, oferece-se para nos ajudar. A juventude não é assim tão rasca.

Chegados a casa, a empregada doméstica faz-nos o relatório do seu trabalho e ainda se presta a oferecer uma medalha da Nossa Senhora de Fátima que trouxe da sua última peregrinação.

Peregrinação. É essa a nossa tarefa: peregrinar e circular entre as bolhas que fazem os nossos dias.

Até amanhã amigos, companheiros, camaradas. "A vida é feita de pequenas nada", como diz o poeta.

E o sol nasce todos os dias!